



KT NEWS #11

26 julho 2026

Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal

NOTÍCIAS | ARTIGOS | ENCONTROS | MOSTEIROS | AGENDA | LEITURAS | CURIOSIDADES



**A GRANDE COMENDA
NA GRANDE LOJA
EM TOMAR**

**BEM-VINDOS
SENHORES
CAVALEIROS
DE MALTA**



**VISITAS OFICIAIS
À ROMÊNIA
E A ÁUSTRIA**

**AS COMENDAS
PORTUGUESAS
REUNEM-SE**

**LEITURAS
DE VERÃO**



MENSAGEM DO GRANDE COMENDADOR

Ilustres Senhores Cavaleiros,

A Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal vive um momento particularmente encorajador da sua história. O trabalho desenvolvido nos últimos anos começa a produzir resultados evidentes, tanto no fortalecimento da nossa organização interna como no crescente reconhecimento que conquistámos além-fronteiras.

No plano interno, é com satisfação que assistimos ao aumento gradual do número de membros da nossa Grande Comenda. Embora algumas Comendas ainda necessitem de reforçar os seus efetivos, é inegável a evolução registada. Hoje reunimos com maior regularidade, contamos com uma participação mais ativa dos nossos Companheiros e Cavaleiros e verificamos uma melhoria significativa da qualidade ritual e do conhecimento templário, fruto do excelente trabalho de formação da equipa do Grande Marechal, Senhor Cavaleiro João Magalhães.

Um dos momentos mais marcantes deste período foi a Cerimónia de Armação realizada no passado dia 11 de julho, no Palácio dos Aciprestes, onde foram armados dezassete novos Cavaleiros da Ordem de Malta. Uma cerimónia de elevado simbolismo, que testemunha o dinamismo da nossa Grande Comenda. Aproveito esta oportunidade para agradecer a todos os Grandes Oficiais que, com a sua presença e dedicação, contribuíram para a dignificar e abrilhantar esta memorável sessão.

Foi igualmente uma honra participar na Sessão da Grande Loja da GLLP/GLRP, realizada na histórica cidade de Tomar. Em nome da Grande Comenda e dos restantes Corpos Rituais presentes, tive oportunidade de destacar o significado da escolha da cidade templária para acolher este importante evento, homenageando a herança espiritual e histórica que continua a inspirar a nossa Ordem.

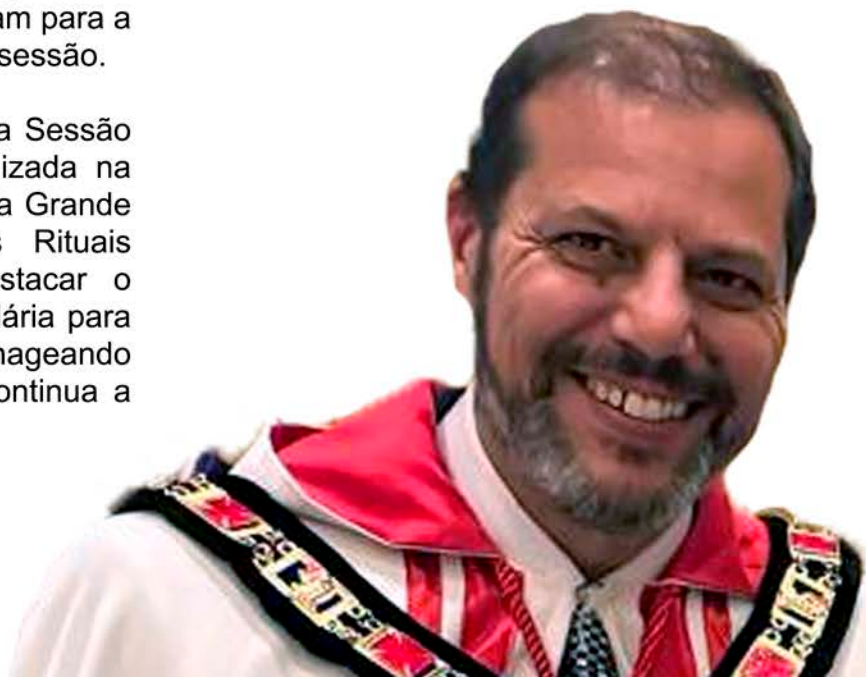
Também no plano internacional continuamos a afirmar Portugal como uma referência da Cavalaria Templária. A nossa participação em encontros realizados em Itália, Roménia e Áustria, bem como as próximas deslocações ao Brasil e ao México, onde iremos celebrar novos Tratados de Fraternidade, refletem o prestígio crescente da Grande Comenda de Portugal e a confiança que os nossos Irmãos depositam no trabalho desenvolvido.

Estas visitas institucionais constituem oportunidades para fortalecer a fraternidade entre as Grandes Comendas, partilhar conhecimentos e divulgar o extraordinário legado templário de Portugal.

Continuemos, pois, a crescer com humildade, unidos pelos mesmos ideais e conscientes de que a força da nossa Ordem reside na qualidade dos seus homens, na fidelidade aos seus princípios e na capacidade de servir.

Que o Grande Arquitecto do Universo continue a iluminar os nossos trabalhos e a abençoar a Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal.

Saudações Cavaleirescas,



**Silvano Malho Rodrigues,
M. E. Grande Comendador**



ARMADOS 17 NOVOS CAVALEIROS DA ORDEM DE MALTA



No magnífico Palácio dos Aciprestes, em Oeiras, realizámos uma cerimónia para Armação de novos Cavaleiros da Ordem de Malta.

A imponente e a beleza deste histórico palácio proporcionaram um cenário de excepcional dignidade para uma cerimónia marcada pela tradição, pelo simbolismo e pela espiritualidade da Cavalaria Cristã.

Mais de sessenta Senhores Cavaleiros, representando todas as Comendas espalhadas por Portugal, fizeram questão de estar presentes, numa expressiva demonstração de fraternidade, união e compromisso para com os ideais que nos unem.

A elevada participação testemunhou a vitalidade da nossa Grande Comenda e o desejo de acolher aqueles que iniciam um novo percurso ao serviço da Ordem.

Os dezassete novos Cavaleiros aceitaram, de forma livre e consciente, o chamamento para uma vida inspirada pela Hospitalidade, pela Justiça, pela Misericórdia e pela Caridade.

A sua investidura constitui o início de um

caminho de aperfeiçoamento espiritual e de serviço ao próximo, vivido com humildade, coragem e fidelidade aos valores da Cavalaria Cristã.

Na alocução dirigida aos novos Cavaleiros, o ME Grande Comendador, Senhor Cavaleiro Silvino Malho Rodrigues, recordou-lhes o verdadeiro significado da Cruz de Malta: "A Cruz de oito pontas que ostentam agora no vosso peito não é um ornamento, é um fardo sagrado. Lembrar-vos-á, a cada passo, das oito Bem-Aventuranças, que iluminam o caminho do verdadeiro Cavaleiro cristão e o inspiram a enfrentar o mundo com humildade, coragem e compaixão."

Estas palavras recordaram que a verdadeira Cavalaria não se mede pelos títulos que se recebem, mas pelo exemplo de vida que cada Cavaleiro oferece ao serviço de Deus e do próximo.

As fotografias desta memorável cerimónia testemunham a emoção dos novos Cavaleiros, e a alegria e satisfação de todos os Irmãos presentes.





ARMADOS 17 NOVOS CAVALEIROS DA ORDEM DE MALTA





ARMADOS 17 NOVOS CAVALEIROS DA ORDEM DE MALTA





A GRANDE COMENDA PRESENTE NA SESSÃO DA GRANDE LOJA

No passado dia 20 de junho, a Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal participou na Grande Sessão da Grande Loja Regular de Portugal, realizada na histórica cidade de Tomar, num evento que reuniu cerca de 600 Irmãos e representantes dos diversos Corpos Rituais da Maçonaria Regular Portuguesa.

Em representação da Grande Comenda, o ME Grande Comendador, Senhor Cavaleiro Silvino Malho Rodrigues, teve a honra de usar da palavra em nome de todos os Corpos Rituais presentes, sublinhando a importância da unidade, da fraternidade e do fortalecimento das relações entre a Grande Loja e os Corpos Rituais, pilares fundamentais para o futuro da Maçonaria Regular Portuguesa.

Na sua intervenção, destacou igualmente o simbolismo de Tomar, cidade intimamente ligada à epopeia templária e à construção de Portugal, recordando o legado de fé, coragem, perseverança e serviço deixado pelos Cavaleiros Templários.

O Grande Comendador ofereceu ao Muito Respeitável Grão-Mestre, RI Paulo Rola, uma joia comemorativa da Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal, símbolo da sólida amizade institucional e do permanente compromisso de cooperação entre ambas as Obediências.

A cerimónia constituiu ainda um momento de celebração dos 35 anos da Grande Loja, homenageando todos aqueles que, ao longo destas décadas, contribuíram para a consolidação da Maçonaria Regular no nosso País.



A sessão ficou ainda marcada por um momento cultural, aberto às senhoras, com a apresentação de "Histórias sem Pijama", conduzida pelo MR Assistente do Grão-Mestre, RI João Monsanto, e por um conjunto de Irmãos que proporcionaram um ambiente intimista e de elevada qualidade cultural, enriquecendo esta memorável jornada maçónica.

A presença da nossa Grande Comenda nesta importante cerimónia reafirma a nossa total disponibilidade para continuar a trabalhar, lado a lado com o Grão-Mestre, a Grande Loja Regular de Portugal e com todos os Corpos Rituais, na construção de uma Maçonaria cada vez mais forte, unida e fiel aos seus mais elevados princípios.





A GRANDE COMENDA DE PORTUGAL REFORÇA OS LAÇOS DE FRATERNIDADE NA MASONIC WEEK DA ROMÉLIA



Pelo segundo ano consecutivo, a Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal marcou presença na Masonic Week, na Roménia, consolidando uma relação de amizade e cooperação que se tem revelado cada vez mais forte entre os Cavaleiros Templários dos dois países.

A participação portuguesa veio dar continuidade ao caminho iniciado com a assinatura do Tratado de Amizade e Geminção entre as Grandes Comendas de Portugal e da Roménia, aprofundando os laços fraternos que as unem e fortalecendo, em particular, a sólida amizade fraterna entre os Muito Eminentes Grandes Comendadores Florin Moraru, da Roménia, e Silvino Malho Rodrigues, de Portugal.

Durante esta semana de intenso convívio fraternal, foi ainda possível reforçar as relações institucionais com as restantes Grandes Comendas europeias e americanas presentes, nomeadamente as de Itália e da Roménia, tendo sido analisadas diversas oportunidades de cooperação.

Destas reuniões resultaram já várias iniciativas e objectivos conjuntos, cujo desenvolvimento terá início em março do próximo ano, em Portugal, representando mais um passo na construção de uma maior colaboração entre os Cavaleiros Templários europeus.

A delegação portuguesa expressa o seu mais profundo agradecimento pela extraordinária organização da Masonic Week e pela forma calorosa, generosa e fraterna com que foi recebida.

Uma palavra muito especial de reconhecimento é devida aos nossos queridos Irmãos Gabriel Gherasim e Petre Buneci, cujo incansável trabalho, dedicação e permanente espírito de amizade foram determinantes para o sucesso deste encontro internacional.

Mais do que um conjunto de cerimónias e reuniões, esta participação confirmou que a verdadeira Cavalaria Templária se fortalece através da amizade, da confiança mútua e da cooperação entre Nações, demonstrando, uma vez mais, que os ideais Templários não conhecem fronteiras.





A GRANDE COMENDA DE PORTUGAL REFORÇA OS LAÇOS DE FRATERNIDADE NA MASONIC WEEK DA ROMÊNIA





A GCCTP NO GRANDE CONCLAVE DA ÁUSTRIA



No passado dia 20 de junho, a Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal (GCCTP) teve a honra de estar presente no Grande Conclave da Grande Comenda dos Cavaleiros Templários da Áustria, representada pelo Eminente Grande Generalíssimo, S.C. Nuno Lopes, que foi calorosamente acolhido pelos Cavaleiros Templários Austríacos, num ambiente de verdadeira fraternidade templária, espelhando os mais nobres ideais da nossa Ordem.

Destacamos ainda, a presença do R.E. Grão Mestre Adjunto do GEKTUSA, o SK Jeffrey Bolstad, cuja participação reforçou o caráter internacional deste importante encontro.

Este momento contribuiu significativamente para o fortalecimento dos laços entre as nossas Grandes Comendas e evidencia, uma vez mais, o prestígio que a GCCTP continua a merecer além-fronteiras.





COMENDA HENRIQUE O NAVEGADOR N° 1



Apesar da ausência do Eminentíssimo Comendador, Senhor Cavaleiro Raul Almeida, por motivo de doença, a quem a Grande Comenda de Cavaleiros Templários de Portugal deseja um rápido e completo restabelecimento, o Conclave da Comenda Henrique o Navegador n.º 1 decorreu conforme o calendário previsto, revelando um elevado espírito de compromisso, fraternidade e dedicação ao trabalho templário.

Os assuntos tratados revestiram-se de particular relevância para o futuro da Comenda e para o contínuo fortalecimento da Grande Comenda de

Cavaleiros Templários de Portugal, refletindo a determinação dos seus membros em prosseguir a missão que lhes foi confiada.

O Conclave contou ainda com a honrosa presença do Muito Eminentíssimo Grande Comendador, acompanhado por distintos Grandes Oficiais da GCCTP, cuja participação reforçou os laços de proximidade, união e cooperação entre a Grande Comenda e a Comenda Henrique o Navegador n.º 1, constituindo um importante sinal de apoio e reconhecimento pelo trabalho que vem sendo desenvolvido.



COMENDA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE Nº 4



A Comenda Nossa Senhora da Guadalupe n.º 4 reuniu-se em mais uma Sessão Capitular no seu Templo, em Albufeira, num ambiente de fraternidade, reflexão e fortalecimento dos princípios que unem os Cavaleiros da Ordem.

Embora atravessemos uma fase em que o número de membros é mais reduzido, a determinação, a coesão e o empenho dos Irmãos demonstram que a verdadeira força de uma Comenda não se mede pela quantidade, mas pela qualidade do seu compromisso, pela assiduidade e pela fidelidade aos valores templários.

Continuamos a trabalhar com convicção, preservando a dignidade dos nossos rituais e mantendo viva a chama da nossa missão, certos de que a perseverança, a união e o exemplo são o caminho para o fortalecimento e crescimento da Comenda.

Non nobis, Domine, non nobis, sed
Nomini Tuo da gloriam.





COMENDA D. DINIS N° 5

No passado dia 18 de Junho, realizou-se no Templo dos 3 Mestres em Alvalade, o Conclave da Comenda nº 5 D.Dinis “O Lavrador” que contou com a presença do Muito Eminente Sr.Cavaleiro Silvino Malho Rodrigues, Grande Comendador da GCCTP, e fiel Sr. Cavaleiro desta Comenda, que abrilhantou mais uma Sessão.

Também tivemos a presença do Sr. Cavaleiro Francisco Amaro, da Comenda nº6 D.Afonso que muito nos honrou pela sua presença, consolidando os já fortes laços fraternos que se vivenciam no seio da GCCTP.

Neste Conclave pudemos ouvir três trabalhos dos Il. da Ilustre Ordem da Cruz Vermelha que revestiu a sessão de uma riqueza extraordinária e marcante. O G.:A.:D.:U.: arquitetou na sua Sabedoria que os 3 trabalhos se complementassem criando um momento que certamente vai perdurar na memória de todos os presentes.

Encerrámos de forma ritual o Conclave que agraciou cada um dos presentes com uma sensação de plenitude, em que o intelecto foi alimentado com conhecimento e o coração saciado com amor fraternal.

Seguiu-se um Ágape realizado nas imediações do Templo que teve a curiosidade de ter sido numa mesa redonda, clara alusão à igualdade e Harmonia entre Srs. Cavaleiros que se vive na GCCTP e nomeadamente na Comenda nº 5 D.Dinis “O Lavrador”.





LEITURAS DE VERÃO

A Ilustre Ordem da Cruz Vermelha Breve Explicação e Simbolismo

por Mário Isaac Oliveira



O Enigma da Transição Iniciática

Conforme se retira da imagem acima, no vasto e complexo edifício do Rito de York, a progressão do candidato realiza-se através de uma geometria simbólica rigorosa que une a reconstrução do Templo de Salomão à mística cavaleiresca medieval. Contudo, entre a Maçonaria do Arco Real – profundamente enraizada nas narrativas véterotestamentárias e na herança dos construtores – e as Ordens puramente Cristãs da Comenda (a Ordem de Malta e a Ordem do Templo), ergue-se um hiato cronológico e teológico de vários séculos. Como conectar o cinzel do pedreiro à espada do cavaleiro? É precisamente neste ponto de fractura que se manifesta a Ilustre Ordem da Cruz Vermelha (The Illustrious Order of the Red Cross). Longe de ser um mero apêndice cronológico, este grau funciona como uma autêntica "dobradiça" ou ponte conceptual, transportando o iniciado do plano da reconstrução física para o território da defesa incondicional da verdade moral.

O Enigma da Ponte Ritualística: Porquê Unir a Babilónia Antiga à Cavalaria Medieval?

A primeira interrogação que nos assalta diz respeito ao anacronismo aparente da Ordem. Quando evocamos os conceitos de "Cavalaria" e de "Cruz Vermelha", o imaginário ocidental remete-nos de forma quase imediata para as Cruzadas, para o Gólgota, ou para as ordens monástico-militares como os Cavaleiros Templários e os Hospitalários de São João de Jerusalém. Todavia, ao cruzar os portais da Comenda, o candidato é surpreendido ao ver-se projetado para um cenário situado muito antes da era cristã: a corte imperial da Pérsia e as ruínas poeirentas da Judeia sob o domínio aqueménida (do primeiro Império Persa).

Qual a razão desta escolha geográfica e histórica? A resposta reside na necessidade de uma transição interior. Nos graus capitulares anteriores, o maçom desempenhou o papel de arquiteto e artífice; manipulou a matéria, descobriu os



LEITURAS DE VERÃO



segredos perdidos sob as fundações do primeiro Templo e reergueu os alicerces sagrados. Contudo, a edificação de estruturas de pedra é inútil se o próprio Maçom não se converter num Templo Vivo. A Ordem da Cruz Vermelha desloca o foco da ação: o desafio já não é de engenharia ou de arquitetura ritual, mas sim de diplomacia, integridade e resiliência moral perante o cativo e a opressão. Transita-se, assim, do paradigma do construtor para o do defensor, preparando o espírito do Maçom para assumir o compromisso cavaleiresco de sacrifício e proteção dos valores transcendentais.

O Cenário Histórico-Alegórico: Quem foi Zorobabel e Qual o Sentido do Cativo?

A narrativa ritual sintoniza-se com o ano 520 a.c. O povo de Israel encontra-se no crepúsculo do exílio babilónico. Embora um remanescente tenha regressado a Jerusalém para iniciar a reconstrução do Templo, os povos vizinhos e os inimigos políticos locais conseguiram fazer suspender os trabalhos, mergulhando a comunidade judaica num estado de desespero e paralisia espiritual. É neste cenário de ruína e promessa interrompida que emerge a figura central de Zorobabel, um príncipe da linhagem real de Judá.

Diante do impasse, surge a questão operativa: Como pode um povo enfraquecido e subjugado retomar a sua Grande Obra quando todas as forças políticas e militares circundantes lhe são hostis? Zorobabel compreende que a solução não passa pela revolta armada, mas sim pelo resgate de uma promessa e pela activação de laços de honra que



"Zorobabel e Dario haviam partilhado uma amizade sincera na juventude, muito antes de este último ascender ao trono imperial. Naquela época, Dario fizera um voto solene: se alguma vez alcançasse a soberania, devolveria os vasos sagrados a Jerusalém e garantiria a reconstrução do Templo do Altíssimo. O candidato ao grau da Cruz Vermelha assume a identidade de Zorobabel, personificando o homem de honra que caminha em direção ao desconhecido para cobrar um compromisso ético."



LEITURAS DE VERÃO

transcendem as fronteiras nacionais e religiosas. Decide empreender uma jornada de extremo perigo, atravessando território hostil até à sumptuosa corte de Susa (coração administrativo e o luxuoso centro de poder do Império Aqueménida durante o reinado de Dario), para confrontar o homem mais poderoso do planeta: Dario, o Rei da Pérsia.

O Debate da Corte Persa: Vinho, Reis ou Mulheres — Onde Reside a Verdadeira Força?

Ao alcançar a corte persa, Zorobabel encontra um ambiente de opulência e celebração. Dario, impressionado com o regresso do seu antigo amigo, mas simultaneamente rodeado pelos seus conselheiros e guardas, decide testar a sabedoria dos presentes através de um célebre debate filosófico — uma narrativa preservada no Livro Apócrifo de I Esdras (ou III Esdras). O monarca lança o desafio: "Qual é o poder mais forte do mundo?"

As respostas sucedem-se, escalando em complexidade e desvelando as diferentes camadas da existência humana e social:

- O Vinho: O primeiro interlocutor defende que a força suprema reside no vinho. O argumento é de ordem psicológica e fisiológica: o vinho altera a mente, nivela o monarca e o escravo, oblitera a memória das dores e faz empunhar espadas na ilusão de uma coragem efémera. É o poder da paixão e da alienação sobre a razão humana.
- O Rei: O segundo argumenta que o poder máximo pertence ao monarca. Trata-se do poder político e militar secular. O rei ordena a guerra, move exércitos, arrasa montanhas e dita as leis de vida e morte. É a manifestação da força coerciva do Estado sobre os corpos e os destinos das nações.
- As Mulheres: Zorobabel, contudo, pede a palavra e eleva o debate. Zorobabel demonstra que as mulheres possuem uma força superior à dos reis e à do vinho. São elas que dão à luz os próprios reis; são elas que plantam as vinhas que produzem o vinho; e é pela beleza e pelo amor que os



homens abandonam as suas pátrias, as suas riquezas e a sua própria liberdade. O poder do afecto e da procriação supera a força das armas.

Magna est Veritas: Por que Razão a Verdade Prevalece no Rito de York?

No entanto, a apoteose do discurso de Zorobabel ocorre quando ultrapassa a esfera do plano físico e emocional para atingir o plano metafísico. Embora reconheça a magnitude do vinho, do monarca e das mulheres, o príncipe de Judá proclama solenemente:

"Mas, acima de todas as coisas, a Verdade é soberana. O vinho é mentiroso, o rei é injusto, as mulheres são mortais e toda a sua beleza desvanece. Mas a Verdade é eterna, imortal e incorruptível. Ela não conhece acepção de pessoas, não depende do tempo nem do espaço, e subsiste com uma força inabalável para todo o sempre. Bendito seja o Deus da Verdade!"

A corte emudece perante esta revelação. A máxima latina ecoa como o clímax do grau: Magna est Veritas et praevalabit (Grande é a Verdade, e ela prevalecerá). Esta profissão de fé filosófica comove o Rei Dario, que não só valida a resposta, como se recorda da sua promessa de juventude. Como recompensa pela sabedoria demonstrada, Dario institui uma nova ordem honorífica, nomeia Zorobabel como o seu primeiro líder e concede-lhe os salvos-condutos e os tesouros imperiais necessários para regressar a Jerusalém e finalizar a reconstrução do Templo.

Conclusão: O Legado Ético da Ordem da Cruz Vermelha no Século XXI



LEITURAS DE VERÃO



Qual é, em última análise, a lição permanente que a Ilustre Ordem da Cruz Vermelha transmite ao maçom? Num mundo caracterizado pela relativização dos factos e pela volatilidade dos compromissos, este grau resgata a sacralidade da palavra dada. A amizade entre Dario e Zorobabel sobreviveu à distância, às diferenças religiosas e à assimetria de poder político porque estava alicerçada numa honra inquebrável.

A "Cruz Vermelha" que dá nome a este grau não deve ser confundida, nesta fase específica do rito, com o martírio cristão do Calvário, mas sim interpretada como a intersecção perfeita entre duas dinâmicas fundamentais do carácter: o eixo horizontal, que representa o compromisso ético e a fraternidade inabalável para com os nossos semelhantes, e o eixo vertical, que simboliza a fidelidade absoluta à Verdade Divina. Antes que um maçom possa ser armado Cavaleiro Templário e comprometer-se com a defesa de ideais elevados, ele tem de demonstrar a energia e força de Zorobabel. É imperativo provar que a sua busca pela Verdade não cede perante as tentações do vinho (as paixões), o medo dos reis (as pressões do poder terreno) ou o encantamento das aparências (as ilusões do mundo).

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada – Livro de Esdras (Esdras 1-4) e Livro de Neemias. Contexto histórico do cativeiro da Babilónia e do édito de Ciro e Dario.

Apócrifos do Antigo Testamento – I Esdras (ou 3 Esdras), Capítulos 3 e 4. Fonte textual direta sobre o debate dos três guardas da corte do Rei Dario.

Cross, Jeremy L. (1819). The Templar's Chart, or Hieroglyphic Monitor. New York: Publicação do Autor. Um dos primeiros manuais a codificar a estrutura e o simbolismo das Ordens de Cavalaria nos Estados Unidos.

Mackey, Albert G. (1914). An Encyclopedia of Freemasonry and its Kindred Sciences. New York & London: The Masonic History Company. Verbetes específicos sobre "Red Cross, Illustrious Order of the", "Zerubbabel" e "Darius".

Webb, Thomas Smith (1797). The Freemason's Monitor, or Illustrations of Masonry. Boston. Obra basilar para a estruturação dos graus do Rito de York, definindo a transição capitular e cavaleiresca



LEITURAS DE VERÃO

A Verdade antes da Espada

por Miguel Segarra



Todos os que receberam a Ordem da Cruz Vermelha conhecem a sua cerimónia, os seus símbolos e os seus ensinamentos. Menos conhecida é a história que a inspira e, sobretudo, a razão pela qual ocupa um lugar tão particular no percurso do Rito de York: depois dos graus ligados à construção, à perda e à recuperação do Templo, mas antes das Ordens de Malta e dos Templários.

Para compreender essa posição, é necessário recuar cerca de dois mil e quinhentos anos.

Em 587 ou 586 a.C., Jerusalém foi conquistada por Nabucodonosor II, rei da Babilónia. O Primeiro Templo foi destruído e uma parte significativa da população judaica deportada. Décadas mais tarde, em 539 a.C., a Babilónia caiu perante Ciro, o Grande, fundador do Império Persa, que autorizaria o regresso dos exilados e a reconstrução do Templo de Jerusalém.

É neste contexto que surge Zorobabel, personagem central na edificação do Segundo Templo, concluído em 515 a.C. Contudo, a narrativa que inspira diretamente o grau não se encontra nos livros canónicos de Esdras ou de Ageu, mas no Primeiro Livro de Esdras, preservado na tradição grega do Antigo Testamento.

O texto relata um episódio singular ocorrido na corte de Dario I, rei da Pérsia. Três jovens da guarda real propõem-se responder à mesma questão: qual é a força mais poderosa do mundo?

O primeiro responde: o vinho. O segundo: o rei. O terceiro é Zorobabel. Começa por defender a extraordinária influência das mulheres sobre os homens, incluindo sobre os próprios reis - observação que, passados vinte e cinco séculos, a experiência humana continua a confirmar com assinalável persistência.

Mas Zorobabel vai mais longe. Reconhece a força do vinho, o poder dos reis e a influência das mulheres, concluindo, porém, que existe algo superior a todos eles: a Verdade.

É dessa conclusão que nasce o lema que a tradição maçónica consagrou: *Magna est veritas et praevalerebit*. Grande é a Verdade, e ela prevalecerá.

A frase contém o centro moral do grau. Não afirma que a Verdade vence sempre depressa, nem que seja necessariamente cómoda. A mentira pode ser conveniente, o erro pode tornar-se popular, a aparência pode seduzir e o poder pode intimidar. Mas os efeitos do vinho passam, os reis morrem, os impérios desaparecem e as paixões humanas mudam. A Verdade permanece.

Como se transformou, então, uma narrativa judaico-persa da Antiguidade num grau maçónico?

A sua origem situa-se entre os numerosos Altos Graus desenvolvidos na Europa durante a segunda metade do século XVIII. Várias dessas tradições retomavam simbolicamente o regresso do exílio, a reconstrução do Templo e a resistência encontrada por Zorobabel, surgindo sob designações como Cavaleiro do Oriente, Cavaleiro da Espada ou Cruz Vermelha da Babilónia.



LEITURAS DE VERÃO

Uma referência documental de 1782 assinala, na Irlanda, um grau denominado Prince Mason Knights of the Red Cross. Em 1797, a Ordem aparece documentada em Boston e, nas décadas seguintes, afirma-se nos Estados Unidos. Thomas Smith Webb não a criou, mas teve um papel determinante na organização e uniformização ritual do sistema americano. Com a formação, em 1816, do General Grand Encampment, a Cruz Vermelha consolidou a posição que ainda hoje ocupa como primeira das Ordens conferidas antes de Malta e dos Templários.

A escolha desta narrativa não foi acidental. Depois dos graus dedicados à construção, à perda, à procura e à recuperação, tornava-se necessário preparar o candidato para a Cavalaria. Mas antes de confiar simbolicamente uma espada a um homem, importa saber se ele reconhece a Verdade e se está disposto a servi-la.

A Cruz Vermelha não ensina simplesmente a combater. Ensina por que razão vale a pena combater.

Importa também esclarecer que nunca existiu, na antiga Pérsia, uma Ordem da Cruz Vermelha instituída por Dario. Essa fundação pertence à construção simbólica do ritual maçónico. Nele, o rei recompensa Zorobabel pela sua defesa da Verdade e cria uma Ordem destinada a perpetuar a memória do acontecimento. A cruz torna-se o seu emblema, associando os quatro braços à Deidade, à Verdade, à Justiça e à Liberdade; o vermelho exprime a coragem e a firmeza exigidas na defesa desses princípios.

A designação maçónica representa assim uma Ordem simbólica edificada sobre a supremacia da Verdade. É precisamente essa a função do grau: servir de ponte entre a reconstrução do Templo e a Cavalaria. Antes de empunhar a espada, o candidato é levado a perguntar ao serviço de que princípios pretende utilizá-la.

Num tempo em que a informação circula mais depressa do que a Verdade, em que a opinião se confunde frequentemente com

conhecimento, a repetição com prova e a conveniência com razão, a lição de Zorobabel permanece surpreendentemente atual.

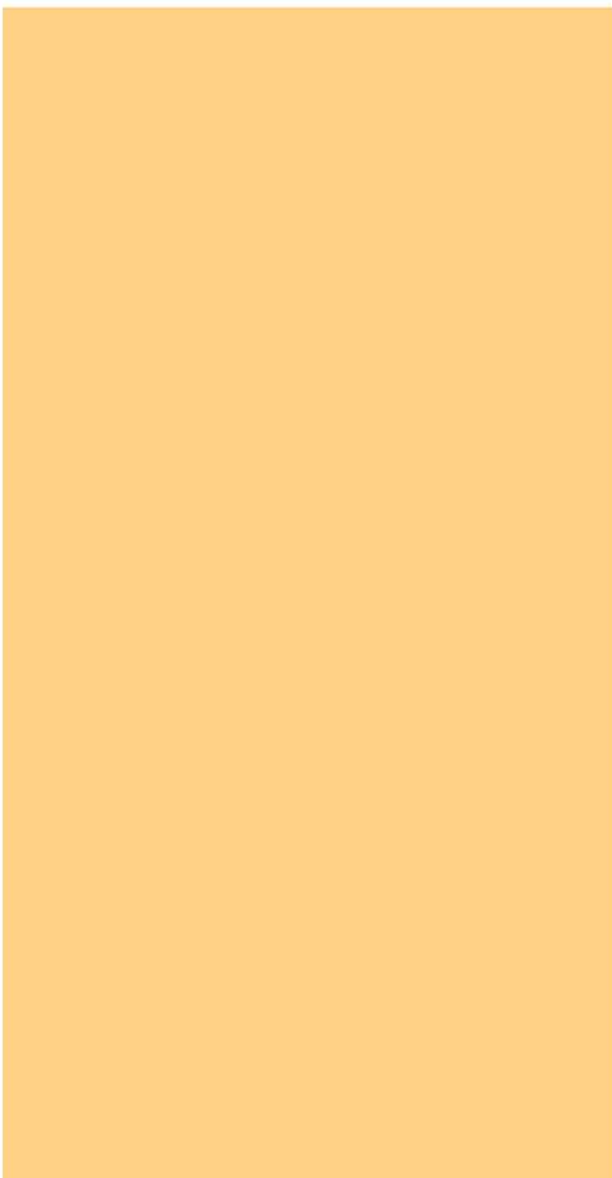
No fundo, este não é um grau sobre a antiga Pérsia, sobre Dario ou sequer sobre Zorobabel. É um grau sobre a Verdade.

Porque a espada sem Verdade é apenas força. A honra sem Verdade é apenas aparência.

E a Cavalaria sem Verdade seria apenas um título.

Antes de sermos Cavaleiros, devemos ser homens fiéis à Verdade.

Magna est veritas et praevalabit.





LEITURAS DE VERÃO

A Verdade como Caminho para a Honra

por Sérgio Palma (adaptação)



Começo esta reflexão recordando o Dever Moral da quarta secção da primeira preleção:

«Que todo o Maçon possa atingir o apogeu da sua profissão, onde o justo seguramente encontrará recompensa.»

Foi nesta passagem que encontrei inspiração para expressar o meu profundo agradecimento pelo Amor Fraternal com que fui recebido na Ilustre Ordem da Cruz Vermelha.

Após essa cerimónia, regressaram-me ao espírito as últimas palavras das Obrigações e Deveres após a Iniciação, do Ritual de Emulação:

«Gravarás eternamente no teu coração os sagrados preceitos da Verdade, da Honra e da Virtude.»

Acredito que a força destes três preceitos depende da forma como cada um de nós os grava no coração e da perseverança com que os cultiva ao longo da vida. A sua verdadeira força nasce da ligação ao Sagrado e, consequentemente, à Verdade Suprema, da qual tudo procede. É precisamente este o ensinamento que percorre todo o Antigo Testamento: à medida que o Homem se afasta da Verdade, afasta-se igualmente de Deus.

Na sétima secção da primeira preleção encontramos uma profunda reflexão sobre a Virtude e a Honra, ilustrada pela tradição romana dos Templos da Virtude e da Honra, cuja disposição simbolizava uma grande verdade:

«O único caminho para chegar ao Templo da Honra era percorrer completamente o da Virtude.»

A Honra surge, assim, como a expressão visível da Virtude, fundamento da confiança mútua e da verdadeira fraternidade.

Embora a preleção não apresente uma definição explícita de Verdade, o Evangelho de São João oferece-nos uma das suas mais belas expressões: «Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará.» A Verdade conduz à liberdade porque nos liberta do erro, do egoísmo e do pecado.

Também por isso apenas homens livres e de boa reputação podem ser recebidos na Ordem. A liberdade exterior só tem verdadeiro valor quando assenta na liberdade interior, conquistada através da integridade do carácter e da fidelidade aos compromissos assumidos.

É precisamente essa fidelidade que encontramos em Zorobabel. Perante a possibilidade de alcançar o sucesso através da violação da sua palavra, recusou qualquer privilégio que implicasse quebrar os seus juramentos. Recordou que:

«A Verdade é um atributo divino e o fundamento de toda a Virtude.»

Foi essa firmeza moral que levou o Rei Dario a reconhecer o Deus da Verdade e a instituir a Ilustre Ordem da Cruz Vermelha, destinada a perpetuar este ensinamento.

Os símbolos da Ordem reforçam esta



LEITURAS DE VERÃO

mensagem. A corda verde recorda as palavras de Salomão, enquanto a Cruz Vermelha representa as quatro grandes características da Ordem: Justiça, Verdade, Liberdade e Fé em Deus. A espada de Zorobabel, enriquecida pelas Virtudes Teologais, convida-nos igualmente a recordar os principais degraus da Escada de Jacob: Fé, Esperança e Caridade.

Enquanto antigo militar, aprendi que uma arma nunca constitui um fim em si mesma. Exige disciplina, responsabilidade moral e profundo respeito pela vida humana. Também na Ordem da Cruz Vermelha a espada não simboliza violência, mas antes a firme determinação em defender a Justiça, a Verdade e a Liberdade.

As palavras do Conselho de Soberanos e do Rei Dario ensinam precisamente isso: a espada apenas deve ser desembainhada em defesa dessas causas e nunca ao serviço da injustiça, da falsidade ou da opressão.

Creio, por isso, que a primeira arma do Cavaleiro deve ser sempre a razão, a palavra e o exemplo. Foi assim que Zorobabel triunfou: sem recorrer à força, conquistou pela sabedoria, pela Verdade e pela integridade.

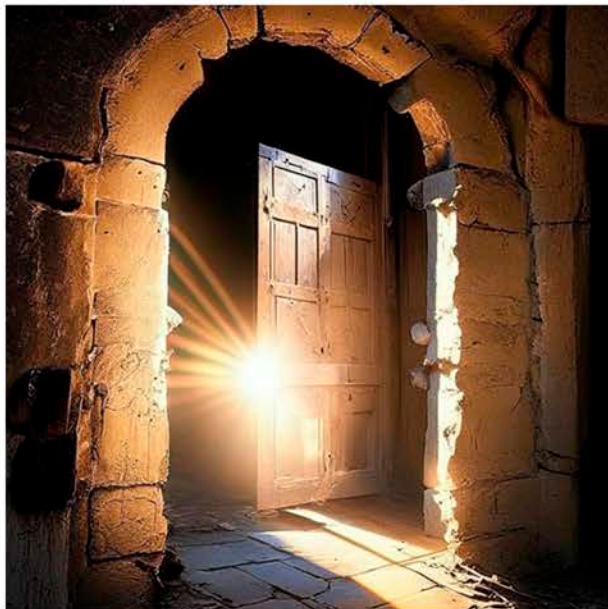
Que Deus nos conceda a mesma inspiração para permanecermos fiéis ao lema da Ordem:

«Grande é a Verdade e ela prevalecerá.»

E que, fortalecidos pela Fé, pela Esperança e pela Caridade, saibamos defender a Justiça, a Verdade e a Liberdade, utilizando a espada apenas quando a consciência, iluminada por Deus, o exigir como último recurso.

A Verdade para além das Fronteiras

por Pedro Reis Marques (adaptação)



Venho partilhar convosco alguns breves pensamentos sobre a Verdade, tema que escolhi para esta reflexão.

Durante a preparação deste trabalho, uma experiência inesperada levou-me a alargar a pesquisa para além da tradição filosófica ocidental. Ao acompanhar um cliente, assisti a uma cerimónia religiosa numa mesquita. Esse momento levou-me a refletir sobre a forma como a nossa visão da Verdade é profundamente influenciada pela cultura em que crescemos e despertou-me para a riqueza do pensamento oriental.

Se observarmos a Verdade através desse prisma, encontramos perspetivas bastante diferentes das que nos são mais familiares. Para Confúcio, a Verdade manifesta-se na retidão moral, na coerência entre palavras e ações e no cumprimento virtuoso dos deveres. Mais do que uma teoria, é uma forma de viver.

Laozi identifica a Verdade com o Tao, o princípio originário de todas as coisas, anterior a qualquer definição e apenas acessível através da harmonia com o curso natural da existência.

Para Buda, a Verdade consiste em ver a realidade tal como ela é, libertando-se da



LEITURAS DE VERÃO

ignorância, do apego e da ilusão que estão na origem do sofrimento humano.

Shankara leva esta visão ao seu ponto mais radical: existe apenas uma realidade última – Brahman – sendo toda a diversidade aparente fruto da ignorância. Conhecer a Verdade é reconhecer essa unidade fundamental.

No pensamento ocidental encontramos igualmente diferentes respostas para a mesma questão.

Platão situa a Verdade no mundo eterno das Ideias, para além das aparências sensíveis. Aristóteles, pelo contrário, entende que ela se encontra na própria realidade e consiste na correspondência entre o intelecto e aquilo que existe.

Séculos mais tarde, Tomás de Aquino integra esta conceção numa visão cristã, afirmando que toda a verdade participa da Verdade absoluta, que é Deus. Já Jean-Paul Sartre identifica a Verdade com a autenticidade de quem assume plenamente a sua liberdade e a responsabilidade pelas suas escolhas.

É perante esta diversidade de perspetivas que encontramos uma das mais simples e duradouras afirmações sobre a Verdade, atribuída a Zorobabel. No debate relatado no Livro de Esdras, quando se compara o poder dos reis, a força dos homens e a sedução das paixões, a conclusão é clara: acima de todos eles está a Verdade. Os impérios desaparecem, as gerações sucedem-se e as obras humanas perecem, mas a Verdade permanece, não porque se imponha pela força, mas porque dela não depende.

Observadas no seu conjunto, estas diferentes tradições revelam uma extraordinária riqueza de pensamento. Para uns, a Verdade é uma ordem moral; para outros, a harmonia com o princípio cósmico, a libertação da ilusão, a unidade metafísica, a contemplação do eterno, a correspondência com a realidade, a participação no divino ou a fidelidade à própria liberdade.

Apesar das diferenças, todas convergem numa mesma intuição: existe algo mais elevado do que a mera opinião, o interesse imediato ou a aparência passageira.

Mudam as civilizações, as religiões e os sistemas filosóficos, mas permanece a convicção de que a vida humana só encontra a sua verdadeira profundidade quando orientada pela procura da Verdade. E, como afirmou Zorobabel numa formulação que atravessou os séculos:

“Grande é a Verdade, e ela prevalece sobre todas as coisas.”





LEITURAS DE VERÃO

JACQUES D'MOLAY O Último Guardião do Templo

por Helder Salsinha (adaptação)



"Nekan, Adonai! Chol begoal!"

"Papa Clemente, Cavaleiro Guilherme de Nogaret, Rei Filipe, intimo-vos a comparecer perante o Tribunal de Deus, Todo-Poderoso, dentro de um ano, para receberdes o justo castigo. Malditos! Malditos! Todos malditos até à décima terceira geração das vossas raças!"

Foi assim que Jacques D'Molay, vigésimo terceiro e último Grão-Mestre da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, lançou ao mundo a sua exortação final, não como súplica, mas como ato de justiça eterna. Ao seu lado, o fiel amigo e cavaleiro Guy d'Auvergnie que partilhou as chamas e o mesmo destino, sem dar um passo atrás.

Em menos de um ano, o Papa Clemente V, o rei Filipe o Belo e o traidor Guilherme de Nogaret estavam mortos. A profecia

cumprira-se: há palavras que nenhuma fogueira consegue silenciar.

Nascido por volta de 1244 em Borgonha, numa família da pequena nobreza francesa, Jacques D'Molay foi Iniciado na Ordem do Templo em 1265, em Beaune pelo Mestre Humbert de Pairaud. Combateu na Terra Santa e viveu a queda de Acre, em 1291, último bastião cristão no Oriente, golpe estratégico e simbólico que deixou os Templários órfãos de uma missão.

Eleito Grão-Mestre em 1292, herdou uma Ordem gloriosa, mas fragilizada, alvo crescente de acusações de riqueza excessiva e inutilidade militar. Tentou, sem sucesso, relançar uma cruzada e até propôs ao Papa Clemente V a união entre a Ordem do Templo e a Ordem dos Hospitalários, mas os tempos já não eram os mesmos e isso nunca chegou a acontecer.

Filipe IV, o Belo, chamado também Rei de Ferro pela frieza das suas ações, encontrava-se profundamente endividado junto dos Templários, seus principais credores. Uma Ordem rica, autónoma, respondendo apenas ao Papa era, para um monarca absolutista uma tentação e uma ameaça.

Com a cumplicidade de Clemente V, o plano amadureceu em segredo.

Na madrugada de sexta-feira, 13 de outubro de 1307, data que muitos ligam à superstição da "sexta-feira 13", Filipe IV ordenou a detenção simultânea de todos os Templários em França. A operação foi de tal forma eficaz que revela uma grande cumplicidade e um planeamento profundo; ainda assim, grande parte da frota e dos documentos da Ordem já havia sido posta a salvo. Jacques D'Molay, confiante na proteção papal, permaneceu em Paris com algumas centenas de Templários. Tinha então 63 anos.

As acusações infames a Jacques D'Molay, incluíam heresia, adoração do ídolo Baphomet, sodomia e pacto com o demónio, que foram extraídas em confissões obtidas sob tortura brutal (strappado, privação de sono, jejum



LEITURAS DE VERÃO

forçado). Jacques D'Molay confessou sob forte coação. Após cinco anos de processo, Clemente V e quatro cardeais concluíram no Pergaminho de Chinon, que a heresia não fora provada e declararam a inocência dos cavaleiros. Mas Filipe IV, não contente com a decisão, através de Guilherme de Nogaret, ameaçou o Papa com a perda da tiara, e Clemente V cobardemente cedeu.

A cobardia é um peso que nenhuma mitra consegue dissimular.

Em 1312, no Concílio de Vienne, a Ordem do Templo foi formalmente extinta, não pela espada, mas por decisão política. Em março de 1314, após sete anos de cativeiro, Jacques D'Molay e três dignitários foram conduzidos ao Parvis de Notre-Dame para confirmar publicamente as confissões e aceitar a prisão perpétua. Já com cerca de setenta anos, curvado pelas correntes, mas não pela consciência, ergueu-se perante a multidão e recusou: denunciou a tortura, proclamou a inocência da Ordem e desmentiu as confissões arrancadas pela dor. Guy d'Auvergne seguiu o exemplo do seu Mestre.

Furioso, Nogaret decretou a sentença imediata: Morte pela fogueira, ao pôr do sol de 18 de março de 1314, na Ilhe aux Juifs, hoje Ilha dos Templários, mesmo em frente a Notre-Dame.

Ao padre que lhes propôs a absolvição, Jacques D'Molay respondeu:

“Guarde suas orações para o Rei.”

Perante a família real instalada na tribuna para assistir ao espetáculo, Jacques D'Molay ergueu o braço em direção ao rei e pronunciou, em hebraico, palavras de vingança e abominação, seguidas de uma última e célebre invocação:

“Papa Clemente V, Rei Filipe, Cavaleiro Guilherme de Nogaret, ordeno-vos comparecer diante do Tribunal dos Céus dentro de um ano, para serdes julgados no reino de Deus. Rei Filipe, amaldiçoo toda a vossa dinastia até à décima terceira geração.”

As crônicas da época relatam que morreu com uma serenidade extraordinária, sem

um grito, e com os olhos voltados para a catedral. Nos meses seguintes, a maldição pareceu cumprir-se com uma precisão perturbadora: Clemente V morreu a 20 de abril de 1314, dentro dos quarenta dias anunciados. Nogaret morreu subitamente sete meses depois, supostamente envenenado e, Filipe IV, o Belo, sucumbiu a 29 de novembro de 1314, aos quarenta e seis anos, murmurando, dizem as crônicas, o nome de Jacques D'Molay. A sua linhagem extinguiu-se com Carlos IV, em 1328, encerrando a dinastia dos Capeto ao fim de treze anos, tal como fora predito.

Legado e Reflexão

Jacques D'Molay fascina pela sua ambiguidade trágica: não foi um herói sem mácula, confessou sob tortura e hesitou como qualquer ser humano. Mas no momento derradeiro, podendo salvar a vida com uma palavra de arrependimento, escolheu a verdade. Preferiu morrer a trair um irmão, a mentir, a ceder. A Ordem que defendeu foi vítima não de qualquer crime real, mas da ganância de um rei, da cobardia de um Papa e de uma manipulação judicial que confundiu poder com justiça. O seu nome sobreviveu: em 1919, o maçom Frank Sherman Land fundou nos EUA a Ordem DeMolay em sua honra, e o ideal templário perdura ainda hoje na Maçonaria, nas Ordens de Cavalaria modernas e no imaginário coletivo.

“Spes mea in Deo est” (“A minha esperança está em Deus”), máxima associada ao REAA que reflete a profunda raiz espiritual que unia os Cavaleiros Templários.

Para nós, Cavaleiros Templários, a história de Jacques D'Molay remete-nos aos confins da nossa essência, à Iniciação e aos juramentos que fizemos, às raízes que durante séculos nos moldaram e continuam a fazer de nós pedreiros e arquitectos de um mundo mais fraterno e solidário. Termino citando Fernando Pessoa, na sua autobiografia:

“Ter sempre na memória o mártir Jacques D'Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os



LEITURAS DE VERÃO

seus três assassinos: a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.”

A fogueira apagou-se. A memória, não.

PELA LUZ DOS CAVALEIROS

“Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.”

“Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai a glória!”

Os Cavaleiros Templários na formação do Reino de Portugal



A Ordem dos Templários, foi uma das instituições mais poderosas da Idade Média. Fundada em 1119, em Jerusalém, rapidamente se expandiu pela Europa, incluindo a Península Ibérica, onde desempenhou um papel crucial na Reconquista Cristã e na formação de novos reinos, entre os quais Portugal.

A chegada dos Templários ao território que viria a ser Portugal deu-se por volta de 1128, ainda antes da independência do Condado Portucalense. A sua instalação foi incentivada por nobres locais e pelo próprio D. Afonso Henriques, que viu na Ordem uma força militar disciplinada e ideologicamente comprometida com a luta contra os muçulmanos. Esta aliança revelou-se estratégica, os Templários ajudaram a consolidar as fronteiras do novo reino e foram fundamentais em várias campanhas militares.

As Doações e a Implantação no Território

Há documentação escrita que confirma a aquisição de propriedades por parte dos Templários, na zona de Braga, antes mesmo de D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, lhes ter doado o Castelo de Soure e seus arrabaldes. Mas foi D. Afonso Henriques quem, em 1129, lhes concedeu vastos



LEITURAS DE VERÃO

domínios em troca da sua lealdade e apoio militar. Entre as concessões mais emblemáticas está a de Soure, um ponto nevrálgico na linha de fronteira com o Al-Andalus. Mais tarde, em 1147, após a conquista de Santarém, os Templários receberam extensas terras entre o Tejo e o Mondego, essenciais para a defesa e povoamento do território recém-conquistado.

Contudo, o centro de poder viria a ser Tomar. O Mestre Gualdim Pais, primeiro Grão-Mestre português, fundou a vila de Thomar, começando pela construção da igreja de Santa Maria dos Olivais e só depois iniciou a construção do Castelo e da Charola.

Papel nas Batalhas da Reconquista

Os Templários foram fundamentais nas campanhas militares de D. Afonso Henriques. Participaram ativamente, em 1147, na conquista de Santarém e de Lisboa, integrando um contingente que, com o auxílio de Cruzados do norte da Europa, conquistou Lisboa. A sua disciplina, experiência e motivação espiritual fizeram deles uma elite guerreira, frequentemente colocada nas posições mais difíceis do campo de batalha.

Além da frente militar, os Templários asseguravam a defesa dos territórios reconquistados através da construção de castelos, torres e fortalezas estrategicamente localizadas, como os de Longroiva, Mogadouro, Penas Róias, Pombal, Tomar, Almourol, Monsanto, Cardiga, Vila Velha de Ródão, Idanha-a-Nova, Touro, Castelo Branco, Bem Posta, Penamacor e Penha Garcia. Estas estruturas não eram apenas bastiões defensivos: simbolizavam o poder Templário e serviam como zonas de povoamento e cristianização das populações locais.

A Influência Política e Administrativa

A ligação entre os Templários e a monarquia portuguesa era profunda.

A Ordem não só defendia o Reino, como ajudava a estruturá-lo administrativamente. Os seus Comendadores funcionavam como

senhores jurisdicionais, impondo justiça, cobrando impostos e promovendo a agricultura e o comércio. Com a aprovação papal, estavam isentos da autoridade episcopal e apenas respondiam diretamente ao Papa, o que lhes conferia uma autonomia considerável.

Gualdim Pais, Mestre da Ordem em Portugal entre 1157 e 1195, tornou-se conselheiro régio e figura central na administração do território. O seu prestígio e a sua ação deixaram marcas profundas na geografia e na história do país. A construção de Tomar como cidade ideal, ordenada, espiritual e militarmente estratégica, revela a ambição templária de criar um espaço sagrado e militar.

Extinção e Transição para a Ordem de Cristo

Com a extinção da Ordem do Templo decretada pelo Papa Clemente V em 1312, sob pressão do rei francês Filipe IV, a Ordem foi perseguida e os seus bens confiscados. Portugal, no entanto, seguiu um caminho diferente. Em 1319, o rei D. Dinis criou a Ordem de Cristo, que absorveu os bens e parte de Cavaleiros templários, protegendo os antigos membros da perseguição papal e mantendo viva a herança do Templo.

A nova Ordem de Cristo tornou-se, nos séculos seguintes, a força espiritual e logística responsável pela expansão marítima portuguesa. Foi sob o seu estandarte que muitos navegadores partiram em busca de novos mundos, sustentados pela cruz vermelha nas velas das caravelas.

Conclusão

A Ordem dos Templários foi um dos pilares da fundação e consolidação do Reino de Portugal. Defensores da fé, guerreiros implacáveis, construtores de fortalezas e cidades, colonizadores de terras ermas, administradores competentes e promotores de espiritualidade e conhecimento, os Templários deixaram uma marca profunda no território, na cultura e na memória portuguesa.



LEITURAS DE VERÃO

A sua ação preparou o caminho para a posterior epopeia dos Descobrimentos, mantendo viva a chama de uma missão sagrada que, transformada, perdura até hoje na simbologia, na arquitetura e nos valores de liberdade e espiritualidade que ajudaram a moldar a identidade de Portugal e a alma lusitana.

Zorobabel o líder servidor na Ordem da Cruz Vermelha

por Nuno Bravo (adaptação)



Entre as muitas lendas e alegorias que enriquecem o nosso edifício maçónico, poucas oferecem ensinamentos tão profundos sobre liderança como a narrativa da Ordem da Cruz Vermelha. Situada no período que se segue à destruição do Templo de Salomão, esta história transporta-nos para um tempo de adversidade, em que a reconstrução do Segundo Templo se encontra suspensa pela oposição dos povos vizinhos e pela ausência de apoio real.

É neste contexto que surge Zorobabel, príncipe da linhagem de David e principal responsável pela restauração de Jerusalém. Mais do que um administrador da obra, ele representa o arquétipo do líder servidor: aquele que não se refugia na segurança do seu estatuto, mas avança para a linha da frente quando a sua comunidade mais necessita.

A primeira grande lição da sua jornada encontra-se na decisão de regressar à Babilónia para se apresentar perante o Rei Dario. Não se tratava de uma simples missão diplomática, mas de uma incursão ao coração do império que outrora mantivera o seu povo em cativeiro.

Aqui encontramos uma das mais importantes lições de liderança maçónica: o desapego. Quando a Grande Obra enfrenta obstáculos, o verdadeiro líder não procura desculpas nem transfere responsabilidades. Assume o dever de agir. Zorobabel compreendeu que, para proteger os seus e garantir a continuidade



LEITURAS DE VERÃO

da reconstrução do Templo, teria de enfrentar pessoalmente o risco e a incerteza.

A sua coragem não se manifesta pela força das armas, mas pela firmeza das convicções. Viaja desarmado de metais, mas revestido de determinação e fé. Também nos nossos dias, a liderança maçónica exige esta mesma disposição: abandonar a zona de conforto, enfrentar as dificuldades e servir a Ordem com espírito de sacrifício e dedicação.

Chegado à corte persa, Zorobabel não recorre à força nem à intriga. Durante um banquete real, o Rei Dario desafia os presentes a identificarem qual o maior poder do mundo. Uns defendem o vinho, capaz de dominar a razão; outros exaltam o poder dos reis; outros ainda destacam a influência das mulheres.

Zorobabel, porém, eleva o debate a um plano superior. Proclama a supremacia da Verdade, afirmando: Magna est veritas et praevalerebit – «A Verdade é grande e prevalecerá». Demonstra que a Verdade é imutável, não depende da vontade dos homens nem se submete aos caprichos do poder temporal.

Nesta passagem encontramos o núcleo da liderança maçónica. Zorobabel conquista o respeito do rei não pela autoridade ou pela força, mas pela sabedoria, pela integridade e pela fidelidade aos seus princípios. A verdadeira autoridade nasce sempre da retidão de carácter e da confiança que ela inspira.

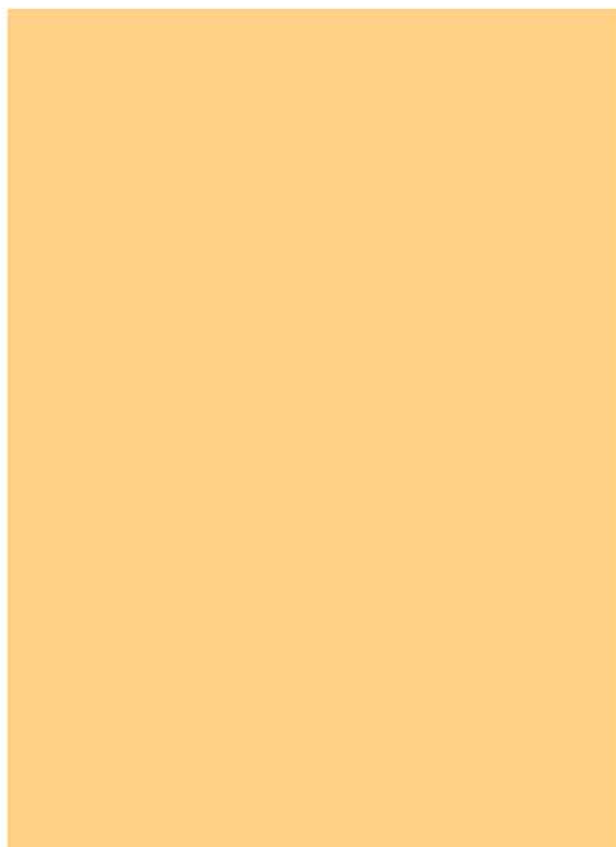
Contudo, a maior prova surge após a sua vitória. Impressionado com a sua resposta, Dario concede-lhe o direito de pedir qualquer recompensa. Perante tal oportunidade, Zorobabel poderia ter procurado riqueza, prestígio ou poder para si próprio. Em vez disso, pede apenas que o rei cumpra a promessa de apoiar a reconstrução de Jerusalém e do Templo.

É neste momento que a liderança servidora se revela em toda a sua plenitude. Zorobabel coloca o bem coletivo acima do interesse pessoal. Utiliza a influência conquistada para servir o seu povo e não para benefício próprio.

Esta é a grande mensagem da Ordem da Cruz Vermelha. Os cargos, títulos e dignidades que nos são confiados não constituem privilégios pessoais; são instrumentos temporários colocados ao nosso serviço para benefício da Ordem e dos nossos Irmãos. O verdadeiro líder compreende que a sua missão consiste em servir, apoiar e inspirar.

A jornada de Zorobabel perante Dario permanece, por isso, como um autêntico manual de liderança moral. Recorda-nos que devemos ter a coragem de agir perante a adversidade, a sabedoria para defender a Verdade acima das ilusões do poder e a humildade para colocar a causa comum acima da ambição individual.

Que possamos ser, nas nossas Lojas, Capítulos e Comandarias, os «Zorobabéis» do nosso tempo. Que as nossas decisões sejam sempre guiadas pela Verdade e que a nossa liderança seja um ato permanente de serviço fraterno e desinteressado. Porque as obras erguidas sobre a vaidade acabam por ruir, mas aquelas que assentam nos sólidos alicerces da Verdade permanecem e perduram através dos tempos.





PARAFERNÁLIA DISPONÍVEL

**CAVALEIRO
TEMPLARIO**



**COMENDADOR E
ANTIGO COMENDADOR**



**GRANDE
OFICIAL**



**ANTIGO
GRANDE COMENDADOR**



CAVALEIRO ORDEM DE MALTA



CAVALEIRO ORDEM DA CRUZ VERMELHA



OUTROS



Faz o teu pedido de compra
ao Eminentíssimo Grande Camareiro-Mor
Senhor Cavaleiro Carlos Rodrigues
através do e-mail:
grande.arquivista@gcctp.pt



AGENDA DE AGOSTO/SETEMBRO

O dever dos Cavaleiros

COMENDAS	COMENDADOR	DIA
Nº1 - Henrique O Navegador (Lisboa)	Raul Almeida	28/9
Nº3 - Cristóvão Colombo (Caria/Guarda)	João Magalhães	28/8 e 25/9
Nº4 - Nª Sª de Guadalupe (Algarve)	João Ferreira	19/9
Nº5 - D. Diniz (Lisboa)	Luis Nunes	
Nº6 - D. Afonso I (Lisboa)	Miguel de Sousa	
Nº7 - Vasco da Gama (Lisboa)	Ricardo Pereira	3/9
Nº8 - Conde D. Henrique (Coimbra)	José Pires	
Nº9 - Gualdim Pais (Tomar)	José Leandro	12/9

Entra no mundo digital da nossa Grande Comenda em <https://gcctp.pt>

KT NEWS